



## Os Vínculos Afetivos na Construção do Ensino Aprendizagem

*Elisiane Alves de Carvalho; Julio Cesar Cardozo Rolón; Joelda Sandra Magalhães Melo<sup>1</sup>*

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi conhecer sobre a afetividade como fator que contribui na construção do processo de ensino e aprendizagem na Escola Luiz Gonzaga Duarte, uma escola do município de Araripina, interior do estado de Pernambuco. Trata-se de uma pesquisa de campo, qualitativa, exploratória e descritiva. Participaram 16 professores, 286 alunos e 123 pais de alunos. Os resultados levaram a crer que a afetividade se faz presente nas relações entre professor, aluno e seus pais e, que a motivação está vinculada à valorização do aluno, que por sua vez é reconhecida por todos os atores do processo de ensino e aprendizagem.

**Palavras chave:** Afetividade, Contribuição, Ensino e aprendizagem.

## The Affective Links in Building Learning Teaching

**Abstract:** The aim of this study was to know about the affectivity as a contributing factor in the construction of the teaching and learning process in the School Gonzaga Luiz Duarte, a school in the city of Araripina, the state of Pernambuco. This is a field research, qualitative, exploratory and descriptive. Participants were 16 teachers, 286 students and 123 parents of students. The results led us to believe that affectivity is present in the relationships between teacher, student and their parents, and that motivation is linked to the student's appreciation, which in turn is recognized by all actors in the teaching and learning process.

**Keywords:** Affectivity, Contribution, Teaching and learning.

### Introdução

A educação atual ainda é um desafio para todos que buscam a melhor forma de educar. Deve ter como objetivo desenvolver a capacidade de pensar, refletir ver o mundo do aluno e, sobretudo criar novas formas de representações sociais. Desta forma ele cresce com possibilidades de repensar a sociedade e ser o sujeito da sua própria história.

---

<sup>1</sup> Graduação em Educação Física pela Universidade de Pernambuco e especialização em Metodologia do Ensino da Educação Física Escolar pela Universidade de Pernambuco. Mestranda em Educação pela Unissuivan Inc. Atualmente é professor titular da Faculdade Leão Sampaio, Professor Efetivo Educação Física da Secretaria de Educação de Juazeiro do Norte e Professor Efetivo Titular da Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará.

Autor correspondente. Contato: joeldasandramagalhaesmelo@gmail.com.

Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar. Quando existe esse vínculo afetivo na sala de aula os educandos se expressam melhor e demonstram afetividade para com os professores. O vínculo afetivo entre professor e aluno é tarefa contínua, objetivando melhorar o sistema educacional. Necessário se faz trabalhar a emoção para atingir o progresso que resultará em benefícios na sala de aula, na família e na sociedade. Assim sendo, os alunos sentem-se mais confiantes para expressar seus pensamentos, suas emoções e opiniões.

Dessa forma nos indagamos: o que vem a ser o vínculo afetivo na construção do ensino aprendizagem na Escola Luiz Gonzaga Duarte município de Araripina – PE? Qual sua importância na relação professor-aluno para a construção do conhecimento? Qual o papel da família na construção dos vínculos afetivos do processo de ensino e aprendizagem?

### **A Afetividade em âmbito escolar**

Uma das dificuldades no estudo da afetividade é a definição do que realmente significa o termo. Na linguagem geral, afeto relaciona-se com sentimento de bondade, ternura, carinho e simpatia. Nas mais variadas literaturas a afetividade está relacionada aos mais diversos termos: emoção, estado de humor, motivação, sentimento, paixão, atenção, personalidade, temperamento e tantos outros.

Com a colaboração dos estudos feitos por Antunes (2006), que discorre sobre a afetividade como sendo um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos, entendemos melhor a relação professor-aluno no cotidiano escolar. Ao referir-se sobre o tema assim conceitua:

A afetividade se encontra na genética do ser humano e deve-se à evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor (ANTUNES, 2006, p. 5).

Apropriamo-nos desse conhecimento para entender melhor a dinâmica referenciada por alguns teóricos quando nos apontam caminhos diversos para o entendimento da afetividade como elemento de grande relevância nas relações interpessoais e intrapessoais.

Portanto, dizemos que a afetividade é um fluxo energético positivo e imaginário que direciona as ações, enquanto que a razão é o que possibilita ao sujeito a identificação de variados sentimentos, como desejos, determinação, vingança, ódio e outros. São esses sentimentos que poderão levá-lo a obter êxito nas ações pensadas, programadas e imaginadas.

Dentre os diversos autores que trabalharam sobre o tema, combinando aspectos da psicologia com a educação, destaca-se Henri Wallon, educador e médico francês, que viveu de 1879 a 1962. Para Wallon (1986) a emoção estaria relacionada ao componente biológico do comportamento humano, referindo-se a uma reação de ordem física. Já a afetividade teria uma significação mais ampla, na qual se inserem várias manifestações - das basicamente orgânicas (primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a criança experimenta como a fome ou a saciedade) às manifestações relacionadas ao social (sentimento, paixão, emoção, humor, etc.).

Assim, a afetividade poder ser conceituada como todo o domínio das emoções, dos sentimentos das emoções, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato com sensações, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

Criador da Epistemologia Genética, Piaget (1896-1980) reconheceu que a afetividade é o agente motivador da atividade cognitiva. Para Piaget (2003) a afetividade e a razão constituiriam termos complementares: a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações.

Para Vygotsky (1896-1934), o desenvolvimento pessoal seria operado em dois níveis: o do desenvolvimento real ou efetivo referente às conquistas realizadas e o do desenvolvimento potencial ou proximal relacionado às capacidades a serem construídas. Vygotsky é considerado, muitas vezes, cognitivista por ter se preocupado principalmente com os aspectos do funcionamento do pensamento. Entretanto, questionava o dualismo entre as dimensões afetivas e cognitivas quando menciona que a psicologia tradicional peca em separar os aspectos intelectuais dos afetivos volitivos Vygotsky afirmava que os processos pelos quais o afeto e o intelecto se desenvolvem estão inteiramente enraizados em suas inter-relações e influências mútuas.

As contribuições de Wallon (1986), Piaget (2003) e Vygotsky (1988) estão sendo retomadas pelos educadores para entender a percepção intuitiva de pais e professores de que as experiências e os laços afetivos influenciam os processos de ensino e aprendizagem.

Na educação de abordagem construtivista, a preocupação com a forma de ensinar passa a ser tão importante quanto o conteúdo a ser ensinado. Por isso, a intensificação das relações, os aspectos afetivos emocionais, a dinâmica das manifestações e as formas de comunicação passam a ser pressupostos para o processo de construção do conhecimento.

A afetividade também é concebida como o conhecimento construído através da vivência, não se restringindo ao contato físico, mas à interação que se estabelece entre as partes envolvidas, nas quais todos os atos comunicativos, por demonstrarem comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, afetam as relações e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem.

Perceber o sujeito como um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente simultaneamente, e reconhecer a afetividade como parte integrante do processo de construção do conhecimento, implica outro olhar sobre a prática pedagógica, não restringindo o processo ensino-aprendizagem apenas à dimensão cognitiva.

Em seus estudos Piaget (2003) é conclusivo na afirmação de que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência, e que sem afeto não é possível o interesse, a necessidade e a motivação. O que remete a compreender que a consequência seria: ausência de questionamentos e problemas, o que significaria algo ainda mais profundo: a falta da inteligência. O autor afirma também que a afetividade é uma condição à construção da inteligência, ainda que isso não seja o bastante.

Ainda segundo o autor, a afetividade funciona como uma “mola propulsora” de todos os movimentos mentais conscientes e inconscientes não racionais. Daí segue que o afeto é uma importante “fonte de alimento” para o desenvolvimento cognitivo. Piaget (2003) pondera que a afetividade influi na construção do conhecimento de forma essencial através da pulsão de vida e da busca pela excelência.

No ambiente escolar é preciso existir a afetividade; é aproximar-se do aluno, saber ouvi-lo, valorizá-lo e acreditar nele, dando abertura para a sua expressão. O professor deve voltar seu olhar afetivo ao aluno de modo a passar certa credibilidade quanto às suas opiniões. Assim, o professor estaria valorizando do aluno suas sugestões e observações, podendo

acompanhar seu desenvolvimento e demonstrando acessibilidade, disponibilizando mútuas conversas.

Sobre isso Almeida (1999) nos explica que as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. E na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente. Isso remete a afetividade como valor que sustenta estas ações.

Henri Wallon (1986) trata a dimensão afetiva como fator assaz importante; apresenta a distinção entre afetividade e emoção. Podemos admitir que o afeto esclarecesse a aceleração ou retardamento da formação das estruturas; aceleração no caso de interesse e necessidade, retardamento quando a situação afetiva é uma barreira para o desenvolvimento intelectual.

Segundo Vygotsky, o ser humano constitui-se como tal na sua relação com o outro social. O ser humano é membro de uma espécie biológica que só se desenvolve no interior de um grupo cultural sua noção de cérebro pressupõe um sistema aberto, de grande plasticidade. Sua estrutura e seu modo de funcionamento são construídos ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual e, nesse processo, a linguagem ocupa um espaço importante em que a cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade (RIBEIRO, 2005, p.37).

Tanto a linguagem como os demais fatores que envolvem a formação intelectual da criança estão interligadas e são interdependentes. Não como ser inteligente e obter bons resultados e ao mesmo tempo, não ter segurança afetiva para construir o conhecimento.

Um dos fatores que também podem desencadear baixa autoestima e conseqüentemente falta de afetividade aparente, é a distorção idade-série. Trata-se da defasagem entre a idade e a série que o aluno deveria estar cursando. Essa distorção é considerada um dos maiores problemas do ensino fundamental brasileiro, agravada pela repetência e o abandono da escola. Muitos especialistas consideram que a distorção idade-série pode ocasionar alto custo psicológico sobre a vida escolar, social e profissional dos alunos defasados.

Segundo a legislação que organiza o ensino no país, a criança deve ingressar no 1º ano do ensino fundamental aos 6 anos e concluí-lo aos 14 anos. Na faixa etária dos 15 aos 17 anos, o jovem deve estar matriculado no ensino médio. Uma das soluções para concertar a distorção idade-série é a adoção da correção de fluxo, que é uma medida política e estratégica aplicada através do processo de aceleração da aprendizagem.

Embora a possibilidade de aceleração de estudos esteja inscrita hoje no próprio corpo da nova LDB, o projeto das classes de aceleração nasceu como medida pontual, destinado a

uma clientela específica, com caráter emergencial e prazo definido de vigência, tendo como preocupação evitar que ela se transformasse em sistema paralelo de remediação.

A migração temporária, sobretudo para o corte de cana (atividade agrícola desenvolvida na região Sudeste com mão de obra nordestina) é uma das principais causas do abandono e evasão escolar. Pois, o fato de estar em constantes idas e vindas acarreta problemas como: Defasagem na idade/série, perda do interesse pela escola, inadaptação ao ambiente escolar, quebra da sequência dos conteúdos, diferenças culturais e formas pedagógicas diferentes, dentre outras.

#### A interação professor e aluno em sala de aula

Segundo Celso Antunes (2006), o professor é o único no mundo que tem argila com a qual se moldará o amanhã! E por isso precisa refletir sobre as ferramentas e crenças que balizam suas ações, verificando melhores caminhos no processo do “educar.”. Os dizeres do autor remetem a considerar que a convivência e a proximidade com pessoas vinculadas afetivamente podem causar um sentimento de conforto e segurança, essencial para corroborar o sentido de valor pessoal e relação da pessoa.

Em seus estudos sobre as dificuldades de aprendizagem, Videira (2009) – realizada no ano de 2008 e defendida em fevereiro de 2009 -, a autora afirma que é muito importante a interação do aluno no processo de construção do conhecimento; “o aluno precisa se sentir motivado e interessado dentro da sala de aula; precisa de um aprendizado espontâneo, sem que o faça por preocupar-se somente com a nota”.

A relação professor-aluno a afetividade também exerce um papel importante nesse processo. Por esse motivo, o ambiente de ensino deve ser estimulador, seguro e de respeito mútuo, pois é nesse ambiente que os alunos estruturam sua personalidade, autonomia, autoestima e aprendem a ter iniciativa própria, quando de posse dos conhecimentos obtidos. O educador, por sua vez, percebe esse desenvolvimento do aluno e como mediador, oferece coragem, compreensão, atenção, além das ferramentas de conteúdo para a aprendizagem. Esse processo precisa de harmonia e confiança, de maneira que nunca haja constrangimento ou inibição dentro do ambiente de estudo (VIDEIRA, 2009, p. 46).

Conforme a autora acima, o aluno é o principal ator do processo de ensino e aprendizagem. Pensando nele é que são constituídos os ambientes escolares, os profissionais da educação, os recursos materiais e tudo o necessário para sua formação como cidadão livre e dotado de saberes. O aprendiz deve tomar para si o conhecimento através do professor (mediador), respeitando a relação entre ambos, fazendo dela a mola propulsora da construção do conhecimento.

Augusto (2000, *apud* Videira, 2009, p. 64) cita que para alcançar êxito, “[...] os alunos devem seguir um ritmo de estudo, se concentrar, pois sem concentração, não há aprendizado;

sem aprendizado, não há notas; sem notas, não há aprovação; sem aprovação, não há vitória; sem vitória, não haverá futuro”.

Vygotsky (*apud* Videira, 2009, p. 64), define o aluno não só como “[...] o sujeito da aprendizagem, mas aquele que aprende junto ao outro o que seu grupo social produz, tal como: valores, linguagem e o próprio conhecimento”. A autora complementa que: “É na troca com outros sujeitos e consigo próprio que se vão internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência” (p. 64).

Os alunos formam seu próprio conhecimento por diferentes meios: por sua participação em experiências diversas, por exploração sistemática do meio físico ou social, ao escutar atentamente um relato ou uma exposição feita por alguém sobre um determinado tema, ao assistir um programa de televisão, ao ler um livro, ao observar os demais e os objetos com certa curiosidade e ao aprender conteúdos escolares propostos por seu professor na escola (COLL Et. Al., 1996, p. 95).

A ética e compromisso do professor lhe permitem adotar princípios, regras de convivência, conceitos, metodologias e estratégias que efetivem o processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. Sua postura diante das situações de aprendizagem pode ser um limite entre a construção ou não do conhecimento pelo aprendiz.

O professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania do aluno. Seu papel é de facilitador de aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à autorrealização (SILVA, 2005, *apud*, VIDEIRA, 2009, p. 65).

A relação aluno/professor é considerada uma relação de trocas na qual deve prevalecer o respeito mútuo, a compreensão e a liberdade de expressão. As normas dessa relação podem ser discutidas em comum acordo, pois ambas as partes têm um mesmo objetivo.

**Cabe ao professor considerar todos os fatores que influenciam na aprendizagem do aluno, buscar a conscientização da importância de cada fase de todo o processo do desenvolvimento e aquisição do conhecimento pelos alunos, de forma a conduzi-los a resultados satisfatórios. Vale também, o professor interessar-se por sua capacitação e através de leituras, pesquisas, cursos e outros caminhos, tornar seu trabalho sempre mais eficiente.**

## **Relação professor, família e aluno**

Videira (2009, p. 54) explica que um aspecto considerado relevante ao aprendizado dos alunos é a participação de seus pais durante todo o processo de ensino e aprendizagem, visto como um suporte afetivo e funcional. Muitos pais sabem que sua presença é necessária e que, segundo Perrenoud (2000, p. 110) “[...] sem instrução, nem diploma, não há salvação; a escola tem uma importância capital para o futuro das crianças”. Portanto os pais têm o direito de ser informado e o dever de informar sobre seu filho, principalmente no que diz respeito à escola.

Na opinião de Oliveira (2002), a relação entre família e escola pode ser analisada sob o prisma sociológico e psicológico, Na perspectiva sociológica, destaca-se o caráter socializador desta relação e as diferenças sociais e culturais entre ambas. Já o prisma psicológico parte da importância das primeiras relações vividas na família (socialização primária) e suas implicações no processo escolar (socialização secundária). Por isso, entende-se que muitos processos, a partir desse olhar, pressupõem como um objetivo da escola também educar as famílias, fornecendo informações sobre o desenvolvimento e educação infantil e atendimento psicológico. Tais ideias ressaltam o caráter curativo de um sistema sobre o outro.

A relação dos pais e professores funciona, pois eles podem discutir a melhor maneira de se ensinar o aluno (e filho), na concepção de Perrenoud (2000, p. 111) “[...] isso só ocorre se houver um acordo global entre o programa da escola e as intenções e os valores educativos dos pais”. Não significa dizer que os pais devem impor ao professor como ele tem que trabalhar. Essa visão apenas mostra que muitos problemas deixam de existir quando o professor tem um conhecimento de como é seu aluno em casa e na sociedade.

O elo mais significativo são os professores, que, entretanto, também são os mais massacrados por essa corrente da educação. O elo mais fraco, os alunos, é o mais prejudicado. E tudo isso prenuncia, como consequência, um futuro sombrio para o país em que esses professores não desempenham seu papel corretamente e no qual os alunos não recebem os bens culturais a que têm direito (TIBA, 1996, p. 133).

Nesse sentido Videira (2009) considera que os encontros entre os pais e professores podem ser marcados pela escola, em reuniões, ou pelos professores, com entrevistas particulares com os pais. Uma dica de Perrenoud (2000, p. 126) para que o professor desperte

o interesse dos alunos, é o uso das tecnologias nas aulas, como: os *softwares* educativos, editores de texto, ferramentas de multimídia no ensino, jogos e outros.

Ser professor não significa estar sempre certo, não ter problemas psicológicos, ser vítima dos alunos ou estar inocente em todas as situações ocorridas em classe. Como qualquer outro ser humano, ele está sujeito à psicologia e à psicopatologia humanas, isto é, a apresentar distúrbios psiquiátricos, psicológicos, orgânicos, sociais etc. (TIBA, 1996, p. 130).

Todas as abordagens de Perrenoud levam profissionais da educação, pais e alunos refletirem sobre: suas falhas, dificuldades, necessidades, obrigações, aptidões, importância na sociedade educativa e educada. Todos têm um papel a desempenhar nessa sociedade cada vez mais competitiva.

### **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa de campo, qualitativa, exploratória e descritiva. Participaram 16 professores, 286 alunos e 123 pais de alunos, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Luiz Gonzaga Duarte, no município de Araripina, estado de Pernambuco.

A coleta dos dados foi feita através de questionário, elaborado para o propósito da pesquisa entre fevereiro a junho de 2012.

Para a composição da amostra, adotamos os seguintes critérios:

Categoria Professor: Ser professor do ensino médio; participar voluntariamente da pesquisa, devolver o questionário totalmente respondido. Assim, dos 70 professores da escola, 16 professores concordaram em participar.

Categoria Aluno: ser aluno do ensino médio; participar voluntariamente da pesquisa, devolver o questionário totalmente respondido. Dos 390 alunos, 286 concordaram em participar.

Categoria Pais: ser pai/mãe de aluno do ensino médio que responder aos critérios acima mencionados; participar voluntariamente da pesquisa, devolver o questionário totalmente respondido. Ao adotarmos esses critérios, tendo 286 alunos participado da pesquisa, deveríamos contar com a participação de 286 pais, no entanto, apenas 123 concordaram em participar.

Assim, compõem a amostra desta investigação: 16 professores, 286 alunos e 123 pais de alunos – um total de 425 pessoas.

Os dados estatísticos foram processados e analisados por meio do *software* Microsoft Excel versão do Office 2010 sendo possível assim a sintetização da análise de gráficos e tabelas demonstrativos listados anteriormente. A análise é realizada à luz do marco teórico, já parcialmente desenvolvido nas fases anteriores, observando os dois tipos de análise e de dados: os qualitativos e os quantitativos.

## Resultados e discussão

### Resultado dos alunos

Nessa categoria contamos com a participação de 286 sujeitos. Não buscamos evidenciar o perfil do aluno no que se refere ao sexo ou idade, pois acreditamos que essas informações não influenciam nos resultados da pesquisa.

Na questão “Você gosta de vir à escola?”, 267 alunos afirmaram que sim, correspondendo a 93% da amostra. Ao optarem por esta resposta, deveriam reafirmá-la elencando os motivos, e dentre os listados, poderiam escolher mais de um.

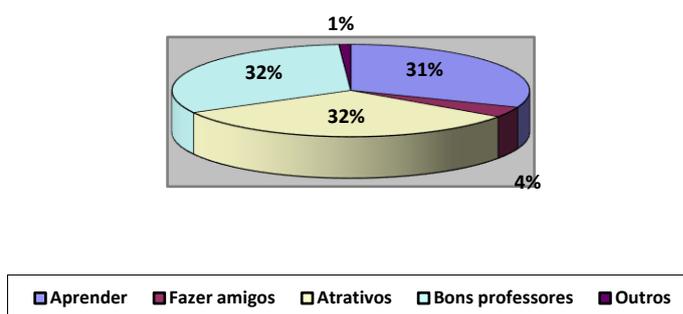


Gráfico 1:

### Motivos para vir à escola

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

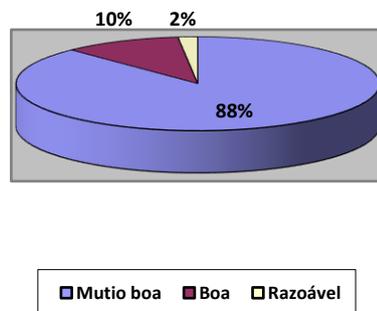
Conforme o gráfico 1, as opções “bons professores”, “a escola tem atrativos” e “aprender” tiveram um empate técnico, sendo os principais motivos para que estes alunos venham à esta escola. A opção “fazer amigos” é motivo para apenas 4% dos alunos. No entanto, isso não significa que na escola não se pode fazer amigos.

Conforme Carvalho (2005), o aluno precisa ser envolvido em suas dimensões afetiva, intelectual e cultural para que desenvolva raciocínios e conteúdos. É importante que tudo conspira em favor do aluno para que sua aprendizagem aconteça. e lembrando os dizeres de Chalita (2005), os alunos no futuro olharão os exemplos do passado para construir um

presente e um futuro melhores e para que isso aconteça, é preciso que hajam marcas positivas para serem seguidas.

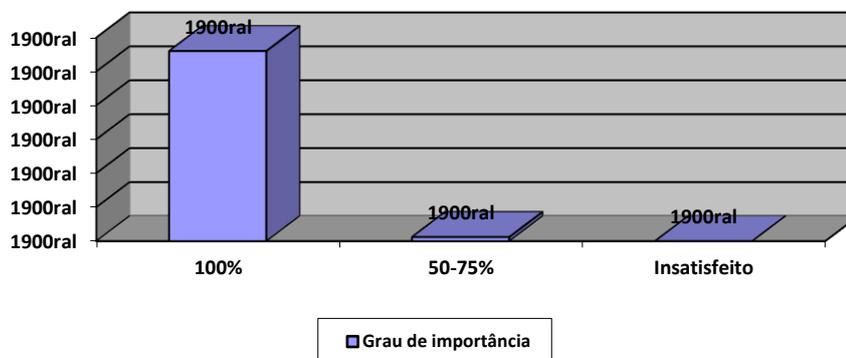
Na questão “Seus professores se mostram solícitos e disponíveis quando você os procura?”, todos os alunos (100% da amostra) afirmaram “sim”, respaldando um dos motivos alegados na questão anterior. Ao se mostrar solícito, conforme admite Perrenoud (2000), o professor está operacionalizando suas competências, que, conforme Videira (2009) são a capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situações, dentre as quais, envolver os alunos em sua aprendizagem.

A questão “O que você poderia dizer sobre a relação de seus professores com sua família?” apresenta três opções, considerando a resposta pelo grau de satisfação do aluno.



**Gráfico 2: Relação do professor com a família**  
Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Conforme revela o gráfico, 88% dos alunos estão 100% satisfeitos com a relação entre seus pais e seus professores; 10% dos alunos estão 75% satisfeitos com essa relação e, 2% estão totalmente insatisfeitos.



### **Gráfico 3: Grau de importância na amizade professor e aluno.**

**Fonte: Dados da pesquisa, 2012.**

O gráfico acima mostra que 98% dos alunos estão 100% satisfeitos com a amizade entre eles e seus professores, achando isso muito importante; já 2% acha apenas importante. O grau de satisfação dos alunos em relação ao seu relacionamento com seus professores e também satisfeitos com o relacionamento entre seus pais e professores encontra respaldo em Almeida (1999), posto que a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. E na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente. Isso remete a afetividade como valor que sustenta estas ações. Também Ribeiro (2005) ao citar o pensamento de Vigotski de que, o ser humano constitui-se como tal na sua relação com o outro social.

Wallon, Piaget e Vygotsky afirmam que a percepção intuitiva de pais e professores, as experiências e os laços afetivos influenciam os processos de ensino e aprendizagem. Os alunos estão satisfeitos, evidenciando que as experiências em âmbito escolar entre eles e seus professores são de fato importantes.

#### **Resultado dos professores**

Não traçamos o perfil do professor em relação à formação, sexo, idade e outros, por considerarmos que esses fatores não influenciam nos resultados. A amostra para esta categoria é de 16 professores. Para que não houvesse dúvida, antes da aplicação do questionário explanamos aos professores cada uma das questões.

Questionados se acham importante a afetividade na relação professor aluno, 100% dos professores investigados afirmaram que “sim”. Complementando a resposta, apenas 3 professores o fizeram, como segue:

*Professor 1: Por que se o aluno não se sentir valorizado, seguro e “amigo”, certamente não terá bons rendimentos, não conseguirá tirar dúvidas ou até mesmo fazer sugestões durante as aulas, expor seu pensamento.*

*Professor 2: O aluno precisa sentir que o professor acredita nele, que é seu amigo, que sabe seu potencial. Dificilmente um aluno que não se sente bem com e na presença do professor, se sai bem na disciplina dele. E o afeto é a base da confiança, do acreditar que ensinar e aprender são tarefas próximas e devem caminhar juntas - como o aluno e professor.*

*Professor 3: A afetividade é muito importante, principalmente por que o aluno precisa se sentir “em casa”. O professor precisa estar aberto*

*a compreender “as fases” do aluno, suas dificuldades e anseios, para assim, construir junto com ele, o conhecimento.*

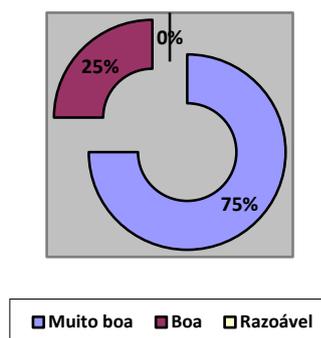
Ao afirmarem que a afetividade na relação professor e aluno é importante, e, complementarem suas respostas, esses professores dão razão à Videira (2009). Esta autora afirma que, a partir da afetividade o professor conduz um ambiente favorável à aprendizagem, até por que, um ambiente estimulador, de respeito mútuo, oferece ao aluno fatores que ele precisa para aprender a exercer sua autonomia e autoestima, e, em consequência, ter incitativa iniciativa própria, quando de posse dos conhecimentos obtidos. A relação entre professor e aluno, afirma esta autora, é uma relação de trocas.

Na segunda questão, pedimos aos professores que identificassem a prática pedagógica que utilizam em sala de aula. Elencamos cinco opções, dentre as quais, a opção “outra”, para que, em caso de o professor considerar sua prática diferente das colocadas. Assim, 100% dos professores investigados afirmaram que “mesclam” as práticas: Tradicional, Construtivista, Progressista e Crítico social, por acreditarem que uma complementa a outra.

Esses resultados remetem aos argumentos de Scheffler (*apud* J. Trilla, 2001) ao nos fazer compreender que, o professor pode se valer de diferentes meios ou práticas, desde que, valorize e dê as condições do aluno em aprender. E, conforme Videira (2009), no espaço da sala de aula, importam as relações de convivência e aprendizagens que orientam a formação intelectual e pessoal do aluno.

Questionados se costumam motivar seus alunos com elogios, reconhecimento e outras formas de estímulos, 100% dos professores investigados afirmaram: “Sim, pois acho isso importante”. O pensamento destes professores vão ao encontro da afirmação de Piaget (2003), ao aludir que sem afeto não é possível o interesse, a necessidade e a motivação. Sem esses fatores, os alunos não seriam questionadores, participativos, construtores do conhecimento com a mediação “amigável” do professor. Numa frase um pouco mais forte, conforme afirma Piaget, sem o afeto (motivação, interesse e outros) o aluno não desenvolveria sua inteligência.

O gráfico 4 mostra que ao classificarem suas formas de relacionamento com o aluno no ambiente escolar, 75% dos professores investigados estão 100% satisfeitos, ou seja, consideram sua relação com os alunos “muito boa”; já, 25% dos demais professores investigados estão parcialmente satisfeitos e consideram sua relação com os alunos “boa”. O mesmo grau de satisfação é conferido ao relacionamento que estes professores têm com os pais de seus alunos.



#### **Gráfico 4: Formas de relacionamento**

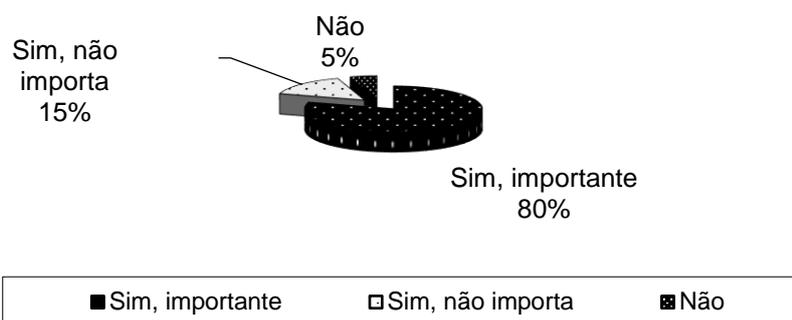
**Fonte: Dados da pesquisa, 2012.**

Questionados se na opinião deles, o relacionamento entre pais, alunos e professores influenciam na aprendizagem do aluno, 100% dos professores investigados afirmam “sim”. O mesmo resultado confere à opinião desses professores no que se refere à influencia do grau de afetividade (ou vínculo afetivo) na aprendizagem do aluno.

As três questões anteriores mostram que os professores estão satisfeitos com o relacionamento que tem com seus alunos e os pais de seus alunos e que acreditam que essa afetividade influencia na aprendizagem dos alunos. Sobre a afetividade nesses relacionamentos Perrenoud (2000) refere que pais e professores podem juntos buscar o que é melhor para o aluno/filho, e que, na relação entre eles, é preciso um acordo que intencione a educação escolar e valores educativos dos pais. E conforme destaca Videira (2009), é preciso que pais e professores estejam sempre em contato para que, a aprendizagem do aluno/filho de fato aconteça.

#### **Resultados dos pais**

Nessa categoria, 123 pais/mães de alunos participaram da pesquisa. Questionados se consideram importante a afetividade na relação professor aluno, 100% dos pais investigados afirmaram “sim”.



**Gráfico 5: Motivar o filho**

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

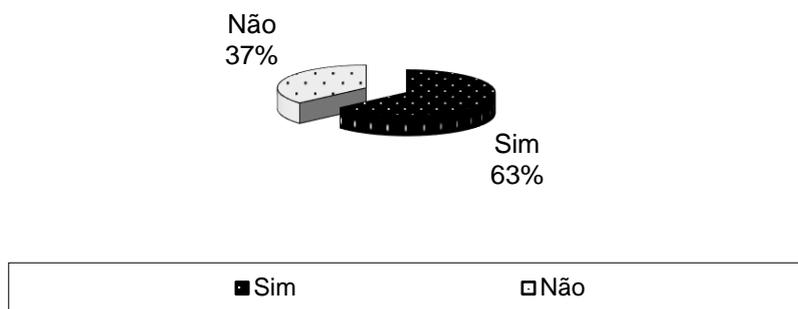
O gráfico 5 evidencia que, 80% dos pais investigados motivam seus filhos com elogios, reconhecimento e outras formas de estímulos – e consideram isso importante; 15% dos pais também o fazem, mas não consideram isso importante; 5% dos pais, não tomam esse tipo de atitude. Esse resultado encontra razão nos dizeres de Minuchin (1982), ao expor que a família é um fio condutor de grande importância para cada um de seus membros, pois, desempenha uma função específica para contribuir com o desenvolvimento psicossocial de todos. Assim, a participação dos pais no incentivo à aprendizagem contribui muito com o aluno/filho.

Questões	Muito boa	Boa	Razoável
Como você classifica suas formas de relacionamento com seu filho?	86 (70%)	30 (24%)	7 (6%)
Como você classifica seu relacionamento com os professores de seu filho?	73 (59%)	41 (33%)	9 (8%)

**Tabela 2: Relacionamento com os filhos e com os professores**

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

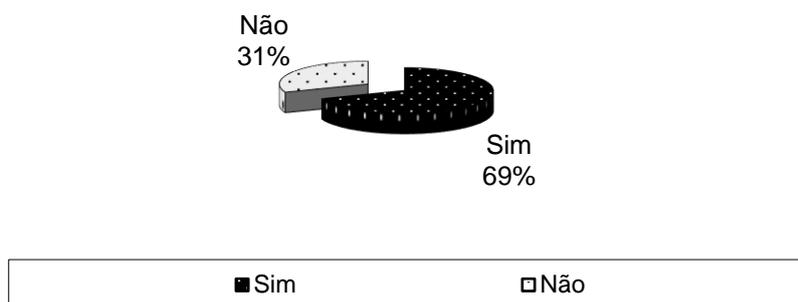
A tabela 2 evidencia que tanto o relacionamento dos pais com os professores como o relacionamento dos pais com seus filhos, é considerado pelos pais como “muito bom”. Conforme Videira (2009) a participação da família exerce um papel fundamental na formação do aluno. E essa relação entre professores e família favorece o processo de formação, até por que, escola e família são as instituições responsáveis pela formação do aluno cidadão: um ser crítico pelo conhecimento.



**Gráfico 6: Relacionamento entre pais, aluno e professores**

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Questionados se o relacionamento entre pais, alunos e professores influencia na aprendizagem do aluno, 63% dos pais investigados afirmam que “sim”, e 37% dos demais pais afirmam que “não”.



**Gráfico 7: Afetividade influencia na aprendizagem**

Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Segundo a opinião de 69% dos pais investigados o grau de afetividade (ou vínculo afetivo) influencia na aprendizagem do aluno; já, 31% dos demais pais afirmam o contrário. Conforme salienta Videira (2009) o professor não é um ser solitário no processo de ensino e aprendizagem e, segundo Perrenoud (2000) é preciso envolver os pais na construção do conhecimento, é preciso que haja uma interação social entre professor, aluno e seus pais. E Carvalho nos fala ainda, que, o ato pedagógico é um ato de interação entre os sujeitos no processo de construção do conhecimento, e mais, essa interação auxilia na compreensão da realidade natural e social do aluno.

### Considerações Finais

Nosso objetivo maior foi compreender o que é o vínculo afetivo na construção do ensino aprendizagem na escola investigada.

Para alcançar este objetivo realizamos uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo para compreender a importância da ligação na relação professor e aluno em sala de aula para a construção do conhecimento, e a partir daí, analisar a importância da família na construção dos vínculos afetivos do processo de ensino e aprendizagem na construção do conhecimento bem como identificar as pedagogias que afetam o processo de ensino e aprendizagem na construção do conhecimento.

Na pesquisa de campo aplicamos questionários às três categorias importantes e viventes do processo de ensino e aprendizagem: professores, alunos e seus pais. Assim, essas categorias formaram uma amostra de 425 sujeitos.

Dos resultados dos instrumentos aplicados, constatamos que, alunos, professores e pais de alunos consideram importante a relação entre professor e aluno na sala de aula para a construção do conhecimento. Portanto, cumprimos o **primeiro objetivo** específico.

A relevância da família na construção dos vínculos afetivos do processo de ensino e aprendizagem na construção do conhecimento também é afirmada pelos atores investigados, os quais mostram, diante de suas respostas, que a afetividade gera segurança, e quando a motivação e reconhecimento se fazem presentes na relação entre os atores do processo de ensino e aprendizagem, esta última é ainda mais efetiva. Cumprimos assim o **segundo objetivo** específico.

A pedagogia baseada em afeto que facilita o processo de ensino e aprendizagem na construção do conhecimento, conforme respondem os atores investigados, é a pedagogia do afeto, é o estímulo à aprendizagem, a valorização da relação entre professores, alunos e seus pais – todos juntos em busca de um bem comum: a formação do aluno. E seguindo o pensamento dos professores investigados, a prática pedagógica não precisa seguir necessariamente uma tendência, pois, todas as práticas precisam se fazer presentes na formação do aluno, já que, cada tendência, apesar de suas particularidades, diferenças e semelhanças, buscam, no fundo, efetivar o conhecimento pelo aluno através de sua relação com o professor e sua família. Assim, cumprimos o **terceiro objetivo** específico.

Por fim, constatamos que os vínculos afetivos entre professor, alunos e seus pais, se fazem presentes na construção do conhecimento, quando: o professor se mostra solícito aos seus alunos, os motiva e mantém bom relacionamento com eles e seus pais; os alunos sentem-

se motivados a aprender, sentem-se parte do processo de construção do conhecimento, são valorizados por seus pais e professores; os pais motivam seus filhos mantendo bom relacionamento afetivo com eles e seus professores, demonstrando assim interesse por sua aprendizagem. Cumprimos assim o **objetivo geral** desta investigação.

Ao final desta investigação, diante das constatações, consideramos que esta poderá contribuir como aporte teórico a outros estudos sobre o tema bem como auxiliar outras unidades escolares que por ventura gostariam de conhecer como os professores da Escola Luiz Gonzaga Duarte, no município de Araripina – PE desenvolvem sua prática pedagógica de modo a conferir à afetividade um de seus principais fatores do processo de ensino e aprendizagem.

## Referências

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus, 1999.

ANDER-EGG, Ezequiel. **Metodología y práctica de la animación socio cultural**. Buenos Aires: Editorial Humanitas, 1984.

ANTUNES, Celso. **A Afetividade na Escola**. Educando com firmeza. Londrina: Editora Maxiprint, 2006.

BALLONE G. J. Criança adotada e de orfanato. *In Psiqweb*, 2004. Disponível em: <[www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br)>. Acesso em: 10 jul. 2012.

BOWLBY, J. **Teoria do apego e perda**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos; Apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Ademar de Lima. **Os caminhos perversos da Educação: a luta pela apropriação do conhecimento no cotidiano da sala de aula**. Cuiabá: EdUFMT, 2005.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução Está no Afeto**. Gente São Paulo, 2004.

CLARET, Martin. **O Poder da Auto-Estima**. São Paulo: Ed. Martin Claret Ltda. 1995. Coleção: O poder do poder.

CODO, Wanderley (Coordenador) GAZZOTTI, Andréa Alessandra. Educação: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: 3ª Edição. Ed. Vozes. Brasília: **Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação**: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2002.

COLL, C. Et al. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1996.

DALBEM, J. X. Débora Dalbosco Dell Agleo, Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivo Brasileiro de psicologia**. Vol. 57. n° 1, 2005. Disponível em: <http://seer.psicologia.ufrj.br/seer/lab19/ojs/viewarticle.php?id=62layout=html>. Acesso em: 10 ago. 2012.

FREIRE, M. O sentido da aprendizagem. In: \_\_\_\_\_. **Paixão de aprender**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOLSE, B. **O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa**. São Paulo: Avercamp, 2005..

JAUME, Trilla (coordinador).(2001). *El legado pedagógico Del siglo XX para laescuela Del siglo XXI*.Barcelona: Editorial GRAÓ. Texto da Disciplina Taller de TesisII/2007, professor Dr. César Castro.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco**. Rio de Janeiro: Vozes,1972.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Editora Cortez, 1990.

MINUCHIN, S. **Família, Funcionamento e Tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 1982.

OLIVEIRA, L. de C. F. **Escola e família numa rede de (dês) encontros**: Um estudo das representações de pais e professores. São Paulo: Cabral Ed., 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Construir competências desde a escola**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIAGET, Jean. (2003). **Biologia e conhecimento**: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos. (4ª ed.) (F. M. Guimarães, Trad.). Petrópolis: Editora Vozes. (Original publicado em 1967).

PLANALTO DO GOVERNO. **Constituição Federal de 1988**. Capítulo III da Educação, da Cultura, do Desporto Da Educação. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)>. Acesso em: 06 abr. 2012.

RIBEIRO, A. M. **Curso de Formação Profissional em Educação Infantil**. Rio de Janeiro: EPSJV / Creche Fiocruz, 2005.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

STROCCHI, Maria Cristina. **Auto-estima: se não amas a ti mesmo, quem te amará?** Petrópolis – RJ: Vozes, 2003.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. 1.ed. São Paulo: Gente, 1996.

VIDEIRA, Márcia Cristina Moraes Cotas. (2009). O processo de Ensino e aprendizagem dos conteúdos de matemática dos alunos da Escola Estadual de Ensino Médio Major Otávio Pitaluga de Rondonópolis, Mato Grosso – Brasil. **Tesis de Maestria em Ciências de La Educación**. Universidade Autónoma de Asunción – UAA. Asunción, Py.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 5ª ed. São Paulo: Editora Pioneira e Thomson Learning, 2001.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.



#### **Como citar este artigo (Formato ABNT):**

CARVALHO, Elisine A. de; ROLÓN, Julio C.C.; MELO, Joeuda S.M. Os Vínculos Afetivos na Construção do Ensino Aprendizagem. **Id on Line Revista multidisciplinar e de Psicologia**, 2018, vol.12, n.39, p.469-488. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 28.12.2017

Aceito: 03.01.2018